



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DAIANE DE AQUINO OLIVEIRA

**ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO: “A EDUCAÇÃO PROIBIDA”:
NOVAS FORMAS DE EDUCAR**

RIO DE JANEIRO

2016.2

DAIANE DE AQUINO OLIVEIRA

ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO: “A EDUCAÇÃO PROIBIDA”:
NOVAS FORMAS DE EDUCAR

ORIENTADOR: Reuber Gerbassi Scofano

Monografia apresentada à
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciado em Pedagogia.

RIO DE JANEIRO

2016.2

DAIANE DE AQUINO OLIVEIRA

ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO: “A EDUCAÇÃO PROIBIDA”:
NOVAS FORMAS DE EDUCAR

Monografia apresentada à
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciado em Pedagogia.

DATA: 03 de novembro de 2016.

Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano– Orientador

Prof^a. Dr^a. Elaine Constant Pereira de Souza (Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Ana Paula de Abreu Costa de Moura (Examinadora)

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...

Rubem Alves

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua grande misericórdia por mim e pelos feitos realizados em minha vida, pois sem Ele nunca teria forças para continuar com tamanhas dificuldades encontradas pelo caminho.

Aos amigos (as) que conheci na UFRJ, Tania, Ilana, Aline, Roseni, Amanda, Marcela, Iraneide, Déborah, José Luis, Gleisson, Angélica Helena, Maicon, Anna Paula, Alessandra e Bruna. Que estiveram presentes nas alegrias e dificuldades nesses cinco anos.

Às amigas, Lorena Maia e Marcelly Luz por sempre terem uma palavra amiga e confortante nesses anos de amizade, me ajudando a ficar tranquila a todo o momento.

A minha avó Francisca Maria (in memoriam), meu avô Antonio, em especial minha espetacular mãe Marta Maria que sempre me apoiou e protegeu com suas orações e apesar do acidente vascular cerebral sofrido dias antes à minha formação, não deixou de orar por mim. Agradeço a minha irmã Patrícia Ellen, sobrinha Isabella, cunhado Fernando, pois a família é tudo para mim. Sem vocês eu não seria nada!

Á todos os professores do meu curso que contribuíram nesta caminhada, mas especialmente ao professor Reuber por ter a figura de um pai e sempre estar disponível a ajudar em qualquer momento.

Gostaria de dedicar um agradecimento especial às famílias Moura e Silveira e ao meu amado marido Sandro Silveira que sempre me incentivou, deu dicas valiosas, carinhos e puxões de orelha quando era necessário, eu te amo.

RESUMO

Esta pesquisa bibliográfica está dividida em dois capítulos e teve como objetivo principal a análise histórica educacional baseada nas discussões do documentário “A Educação Proibida”, produzido na Argentina no ano 2012 com a participação de profissionais acadêmicos de países Latino Americanos. Através de suas análises embasadas e pontos de vista pode-se sintetizar como a educação tradicional é criticada nos dias atuais. Autores peça chave foram utilizados pelos entrevistados do documentário para melhor compreensão crítica do tema “educação” e suas nuances na escola. Algumas das propostas e princípios pedagógicos que são citados no filmesão: Método Montessori; Pedagogia Waldorf (Rudolf Steiner); Pedagogia Crítica; Pedagogia Liberadora (Paulo Freire); Método Pestalozzi; Método Freinet; A Escola Livre; A Escola Ativa; Pedagogia Sistêmica; Educação Personalizada; Pedagogia Logosófica, entre outros, entretanto não serão aprofundados.

Assim, a educação tradicional e o novo modelo educativo vão sendo verificados e analisados para melhor esclarecimento sobre os pontos contra e a favor de ambos. Contudo, o documentário “A Educação Proibida”, serviu como principal meio para exemplificar a passagem desses duzentos anos na educação. Autores como: Paulo Freire, Sebastião Rocha e Rubem Alves serviram de inspiração e referência nesta pesquisa.

Palavras chave: educação proibida; documentário; escola.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - “A EDUCAÇÃO PROIBIDA”	10
CAPÍTULO 2 - PAULO FREIRE, RUBEM ALVES E SEBASTIÃO ROCHA	21
2.1 – PAULO FREIRE	21
2.2 – RUBEM ALVES	24
2.3 – SEBASTIÃO ROCHA.....	28
2.4 – PRÁTICAS E PENSAMENTOS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

A conclusão de um curso universitário é um fato bastante comemorado, ainda mais no meu caso, pois sou a primeira formanda de uma família considerada numerosa. Meus avós maternos, com seus quatorze filhos, não tiveram a oportunidade de presenciar nenhum se formando, muito menos em uma Universidade Pública Federal. Minha vida e formação educacional não foram das melhores, visto aos olhos da sociedade. Educação plenamente pública, moradora da comunidade de Acari, região da zona norte do Rio de Janeiro apontada como área de risco pela mídia. Com o apoio dos meus pais, não me deixei corromper pelos desvios apresentados neste meio que pode ser tão perverso que é a favela. Através da persistência e ajuda de familiares e amigos, estou aqui encerrando este ciclo na graduação.

O tema escolhido para a pesquisa de conclusão do curso veio após um turbilhão de pensamentos. Inicialmente pensei em pesquisar sobre a influência da família no meio educacional, tema de grande impacto, quando pensamos em fatos ocorridos na escola como: reunião de pais e mestres, educação como responsabilidade da família e não da escola, a creche utilizada como depósito de crianças, entre outros. Contudo, o tema escolhido surgiu quando meu marido assistiu em uma de suas aulas na faculdade UNIRIO, onde cursa Sistema de Informação, ao documentário “A Educação Proibida” e acreditando que seria um bom tema para pesquisa, comentou sobre o mesmo.

Inicialmente o título não me interessou, todavia, meu marido copiou o documentário para eu assistir. Apesar de achar bastante cansativo, pois possui duração de aproximadamente três horas. Quando comecei a investigação do filme descobri que não tinha dublado somente legendado, o que me deixava mais cansada por precisar prestar atenção nas legendas. Faltando menos de um mês para defesa da monografia, o site disponibilizou o vídeo dublado, o que me deixou feliz, pois outras pessoas teriam melhor oportunidade que eu para assistir. O tratamento do tema foi bem explorado ao tratar de assuntos interessantes sobre as novas formas de educação e ter a presença e opinião de profissionais qualificados no documentário, preferi arriscar com este tema desafiador nesta reta final.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar o documentário “A educação proibida” sob o olhar dos autores Paulo Freire, Sebastião Rocha e Rubem Alves e como objetivos específicos:

- Refletir sob os métodos utilizados em sala de aula durante décadas;
- Analisar como a criança passa pela instituição escolar;
- Identificar as falhas e acertos educacionais;
- Compreender fatores que motivam ou desmotivam o aluno no crescimento intelectual e social sob o olhar pedagógico.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é exclusivamente de natureza bibliográfica. Análise crítica e descritiva referente as falas sobre educação dos profissionais latino americanos apresentados no documentário. Autores brasileiros considerados mentores na educação crítica e consciente ofereceram o embasamento e referências base.

Os autores brasileiros: Paulo Freire, Sebastião Rocha e Rubem Alves foram inspiradores com suas formas de abordagem pedagógicas tão presentes nos dias atuais. Os mesmos foram escolhidos pela grande influência e práticas no meio educacional.

A pesquisa foi dividida em dois capítulos para melhor separação e compreensão. No primeiro capítulo, faço uma análise e aponto argumentações dos entrevistados latino-americanos presentes no filme, tendo como base a prática pedagógica dos autores brasileiros. No segundo capítulo, apresento um panorama educacional dos três autores: Freire, Rocha e Alves.

CAPÍTULO 1 - “A EDUCAÇÃO PROIBIDA”

O documentário Argentino “A Educação Proibida” produzido em 2012 com direção de German Doin e Veronica Guzzo é o resultado de mais de 90 entrevistas realizadas em 8 países latino-americanos, através de 45 experiências educativas não convencionais e um total de 704 co-produtores. O documentário questiona a escolarização moderna e propõe um novo modelo educativo a partir de comentários de professores e pesquisadores da área educacional. O filme é relativamente atual (2012), possui linguagem de fácil compreensão e está disponível na internet para acesso de interessados no assunto, professores e estudantes.

O documentário está repleto de situações do meio educacional que foram exemplificadas através de teatro com atores, desenhos, e citações apaixonantes de educadores e pensadores mundialmente conhecidos nas áreas: científica, filosófica e educacional. Quando estes falam de educação são facilmente compreendidos pelos cidadãos e conquistaram assim, seu lugar na educação.

Segundo os participantes, o documentário é o resumo de uma aprendizagem que continua permanentemente e sob nenhuma circunstância, deve ser considerado conclusivo. É iniciado descrevendo os motivos pelo qual foi produzido e tratando da educação ao longo de quase duzentos anos. Os profissionais apresentados neste filme são estudiosos que participam de áreas pedagógicas diversas, e a sua aparição não necessariamente conformidade com todo o conteúdo do mesmo, pois cada um descreve sua prática de acordo com a metodologia utilizada em suas escolas.

O sistema "prussiano", conhecido por nós como tradicional, abordado no decorrer do filme, historicamente teve início em 1819. No final do século XIX Napoleão chegou a Prússia, onde o seu exército de agricultores conseguiu derrotar os experientes soldados do rei Prussiano. Após a humilhante derrota o rei prussiano Frederico Guilherme I criou o ensino obrigatório a nível nacional - e fez com que ele permanecesse. A teoria considerava que forçar as crianças a irem à escola desde pequenas as tornaria leais e temerosas ao poder do Estado. Se as crianças não fossem à escola, a polícia poderia aprisioná-las ou

matar seus pais. As crianças sabiam que os pais não tinham outra escolha senão mandá-los para a escola e que, conseqüentemente, o Estado era mais poderoso que as suas próprias famílias.

O rei queria soldados que não questionassem as suas ordens, mas que fizessem o que lhes era imposto. Assim, o sistema escolar tradicional instituiu um sistema de “*proibição de interrupções*”. As crianças não podiam fazer uma pergunta sobre o tópico que estavam aprendendo a não ser que antes sinalizassem, pondo o dedo no ar e esperando a devida autorização do professor para que a pergunta pudesse ser feita, aguardar liberação para beber água ou ir ao banheiro, etc. Deste modo ficavam “*corretamente socializadas*”, ou seja, aprendiam a respeitar e a não questionar, criando assim um modelo de crianças moldadas para obedecer. Esses princípios perduraram e se alastraram pelo mundo.

Quase duzentos anos se passaram e estes estigmas ainda permanecem na sociedade moderna. O enraizamento é tão forte, que nos dias atuais, estudar parece um dia de eterna repetição. A criança entra em um bom jardim de infância que o impulsionará a uma boa escola, o colocará dentro de uma boa universidade e assim terão bons empregos. As crianças precisam desenvolver suas capacidades, mas dia após dia, são os interesses do adulto que guiam seu desenvolvimento, sempre pautados por repetições, concorrência e um sistema de prêmios e castigos imputados pelos pais e professores. Atualmente temos um outro olhar sobre a educação e a importância do momento de criatividade é fundamental para as crianças. Vejamos que precisamos nos adequar ao *artigo 4º da Resolução nº 5 de 17 de Dezembro de 2009 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:*

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

O trecho da resolução destacado acima aponta a prática pedagógica dos autores trabalhados nessa pesquisa, pois Paulo Freire, Rubem Alves e Sebastião Rocha, através de danças, músicas e brincadeiras, despertaram na criança a certeza que é produtora de cultura, ensinam e aprendem, podendo assim, desenvolver o pensamento crítico. Os três pensamentos se encontram quando Sebastião Rocha diz: *“Para educar uma criança, é necessária toda uma aldeia”*(ROCHA, Site CPCD). Nesta passagem, Sebastião reforça a responsabilidade de cada um com a educação do indivíduo que está se desenvolvendo socialmente.

Voltando ao documentário que nos faz refletir sobre o “mito da caverna”, história que é contada com sobreposição de imagens com alunos enclausurados na escola, fazendo um comparativo dos fatos ocorridos.

O Mito da Caverna, considerado um dos mais importantes mitos da história da Filosofia, também conhecido como “Alegoria da Caverna” é uma passagem do livro “A República” do filósofo Platão. Através desta importante metáfora é possível conhecer uma teoria de Platão: como, através do conhecimento, é possível captar a existência do mundo sensível (conhecido através dos sentidos) e do mundo inteligível (conhecido somente através da razão).

O mito fala sobre prisioneiros (desde o nascimento), que vivem presos em correntes numa caverna e que passam todo tempo olhando para o fundo de uma parede que é iluminada pela luz gerada por uma fogueira. Nesta parede são projetadas sombras de estátuas representando pessoas, animais, plantas e objetos, mostrando cenas e situações do dia-a-dia. Os prisioneiros ficam dando nomes às imagens (sombras), analisando e julgando as situações.

O filme simula que se um dos prisioneiros fosse forçado a sair das correntes para poder explorar o mundo externo, entraria em contato com a realidade e perceberia que passou a vida toda analisando e julgando apenas imagens projetadas por estátuas. Ao sair da caverna e entrar em contato com o mundo real ficaria encantado com os seres de verdade, com a natureza, com os animais, etc. Voltaria para a caverna para passar todo conhecimento adquirido fora da caverna para seus colegas ainda presos. Porém, seria ridicularizado ao contar tudo o que viu e sentiu, pois seus colegas só conseguem acreditar na realidade que enxergam na parede iluminada da

caverna. Os prisioneiros o chamam de louco, ameaçam de morte caso não pare de falar daquelas ideias consideradas absurdas.

Com essa passagem, podemos perceber que os seres humanos possuem uma visão distorcida da realidade. Como mostra o mito, os prisioneiros somos nós que enxergamos e acreditamos apenas em imagens criadas pela cultura, conceitos e informações que recebemos durante a vida. A caverna simboliza o mundo, pois nos apresenta imagens que não representam a realidade. Só é possível conhecer a realidade, quando nos libertamos destas influências culturais e sociais, ou seja, quando nos libertamos das correntes que aprisionam nossos conhecimentos e saímos da caverna.

O filme levanta alguns aspectos educativos e todos coincidem na importância que tem a educação para a comunidade social. Investimentos em capacitações, melhorias na infra-estrutura, compra de livros didáticos adequados para o desenvolvimento da criança, notebooks, tecnologias em geral, etc. Tudo para melhorar a educação. Entretanto, isto não impede que existam tantas escolas com realidades sociais distintas: escolas marginais, para pobres, escolas depósito, escolas de classe média, escolas públicas e privadas. Grande parte delas pretende incluir e conter a maior quantidade de estudantes, muitas outras se ocupam de formar trabalhadores de diferentes hierarquias, e só umas poucas se dedicam aos supostos resultados de excelência. Apesar das suas diferenças, todas trabalham e aspiram um ideal de escola comum. Até que ponto esta escola ideal nos ajuda com o desenvolvimento individual e coletivo? Há alguma escola que consiga? Há alguma educação pensada com ideais de parceria entre aluno e professor?

O educador Sebastião Rocha em entrevista ao *site Inclusive: inclusão e cidadania* (2013), afirma que sim *“Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender”*. Rocha acreditava tanto nisso que abandonou seu emprego como professor universitário para seguir o sonho desta *“escola que funciona”*.

A educação tem se modificado ao longo dos anos e uma dessas alternativas de mudanças ficou conhecida como: *Escola Inovadora*. Esse

modelo de escola é um exemplo ao pensamento de Rocha e dos autores escolhidos para guiar essa pesquisa. O modelo educacional aposta na autonomia do aluno deixando o mesmo livre para praticar atividades criativas e inovadoras com o auxílio de professores/tutores. O objetivo do projeto também inclui pais, alunos e a comunidade na gestão escolar, pois acreditam que todos devem estar interligados para haver aprendizagem. Um dos grandes exemplos de escola inovadora que funcionou é a Escola da Ponte.

A Escola da Ponte possui em um de seus métodos de alfabetização a inspiração de Paulo Freire, é pública e está localizada em Portugal, além de não ter salas de aula, disciplinas e nem horários regradados. As atividades dos mais variados temas são trazidas pelos professores, onde os alunos exercem a autonomia de escolher o que mais lhe interessam, de trabalhar em grupo ou sozinhos. Assim, podem se dividir entre as mesas ou até mesmo aprender ao ar livre. Existem provas, feitas e requisitadas pelos próprios alunos, quando se sentem preparados e não pressionados. Além da Escola da Ponte, temos exemplos também no Brasil, como: Escola Municipal Amorim Lima (São Paulo), Escola Viva (São Paulo), Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais –GENTE (Rio de Janeiro), Escola Meninos e Meninas do Parque (Brasília), Escola Livre Inkiri (Bahia), Projeto Âncora (São Paulo), entre outros.

A escola ideal pode não existir, mas temos profissionais empenhados em tentar seguir com o modelo de escola que invista no ser humano e assim possamos conquistar mais pessoas conscientes nas suas atuações cívicas e políticas, pessoas que se importem com a comunidade em geral.

Apartir de aspectos relacionados à educação frisados no documentário, destaco que os autores Paulo Freire, Rubem Alves e Sebastião Rocha possuem algo em comum e puderam contribuir para algumas mudanças, quais podemos apontar: a forma de tratar a criança com carinho, indignação política, pensamento crítico, utilização da brincadeira como meio de aprendizagem, trabalhar com amor. Os três autores se destacam na forma de educar e aprender com o próximo, analisando todas as possibilidades de aprendizagem, independente de qual seja e onde esteja, onde todo e qualquer espaço nos oferece o momento de descobertas, basta que enxerguemos essa possibilidade intelectual nos pequenos detalhes da vida.

No documentário é produzido um teatro com atores dentro de uma escola (fictícia). Nesta escola ocorre a discussão entre dois alunos, professor e diretora. Toda discussão acontece quando o professor propõe um exercício para os alunos que devem descrever o balanço dos anos estudados. Um aluno descreve a escola com fatos pouco importantes, ensinando a estarem longe uns dos outros e a competirem. Diz também que pais e professores não os escutam, onde o aluno sugere que a educação está proibida.

O estudante não aprende depois de 12 anos a ler compreensivamente, não aprende as operações matemáticas, não aprende...enfim, aprende muito pouco... O que é que faz que o estudante fracasse na escola? E o convencimento vai pela comprovação de que não é o estudante quem fracassa, é o sistema que está mal projetado.

(Dr Carlos Calvo Muñoz– Depoimento presente no documentário A Educação Proibida 8:50)

Durante o documentário surgem opiniões de alguns profissionais da educação. Esses profissionais deixam bem claro que não estão satisfeitos com o modo de educar da atualidade, como pode ser observado no comentário do Educador investigador Dr. Carlos Calvo Muñoz. O Educador Muñoz faz o apontamento em crítica ao sistema tradicional que, por exemplo, aplica leituras complexas a alunos que não tiveram base literária de qualidade nos primeiros anos de estudo e por fim, se deparam com enormes textos de difícil compreensão, tendo que prestar conta de uma boa nota aos pais.

É também comentado que não devemos comparar os sujeitos, suas aprendizagens, seus medos e classificá-los como apenas números. Alunos não são somente números. Quando o professor numera um aluno através de uma nota de prova, este estará fadado a ser somente um número. Assim, vão se criando as competições entre alunos que deveriam estar ali para aprender e se desenvolver uns com os outros. O educador tem sido convencido que a educação é assim e não poderá mudar. O docente deveria ter uma conexão com as crianças no seu estado mais puro e infelizmente o que a escola faz com os alunos, também faz com os professores através de recompensas e castigos onde o Estado presenteia se as metas forem alcançadas, assim, a sua limitação o impede da mudança.

Contudo, a lógica de mercado trata a escola como uma empresa e o aluno como um cliente. O aluno não é cliente da escola, mas sim parte dela. É sujeito que aprende, que constrói seu saber, que direciona seu projeto de vida. Essa visão mercadológica diverge do pensamento dos autores Paulo Freire, Rubem Alves e Sebastião Rocha, analisados nessa pesquisa. Os autores seguem uma ideologia que vai contra as nuances do sistema de ensino: currículo, prática pedagógica e avaliação. Para eles o aluno poderá aprender em qualquer lugar, desde que estejam livres para pensar, compartilhar e reproduzir ideias.

Avaliar pesquisa é muito fácil, porque ela pode ser quantificada: número de artigos publicados em revistas especializadas em português, número de artigos publicados em revistas especializadas no estrangeiro (que valem mais), número de livros escritos. Estas são atividades pelas quais um professor ganha concursos, consegue promoção, ganha acesso à administração de projetos e à administração de recursos. Mas, e o ensino? Como avaliá-lo? Número de horas/aula dadas? Neste caso, o professor caixeiro-viajante seria o paradigma. O fato é que não dispomos de critérios para avaliar esta coisa imponderável a que se dá o nome de educação... (FREIRE, 1980, p.15)

A escola analisada no documentário é a escola que aprisiona os alunos, que restringe pensamentos e práticas divergentes. A instituição escolar não é fábrica que produz mercadorias. Não deve pautar-se pela perfeição. Ela lida com tradições, valores, crenças, opções. A escola não pode ignorar o contexto político e econômico, no entanto, não pode estar subordinada ao modelo econômico e a serviço dele.

Com o mundo moderno, a instituição escolar não é mais considerada o único ou o mais eficiente meio de socialização dos conhecimentos. Na sociedade que vivemos hoje, as pessoas aprendem em todos os lugares e por diversos meios: na rua, televisão, rádio, vídeos, aplicativos de celulares, computadores portáteis, etc.

Essas mudanças indicam um processo de reestruturação dos sistemas educativos e da instituição escolar como a conhecemos, o que não quer dizer que estamos caminhando para o fim da escola. As instituições de hoje convivem com outras modalidades de educação (formal, informal, profissional,

à distância, etc.) e precisa aprender a conviver com elas, a fim de desescolarizar os alunos, e isso quer dizer, reinventar qualquer processo que os impeçam de aprender livremente, formando cidadãos mais preparados e qualificados para a vida em sociedade. A formação precisa ir além. Precisa desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania e para a atuação (vivência) ética e para ações baseadas na solidariedade. Todavia o modelo não deveria ser através da *prática decorada*, qual Freire chamou de *educação bancária*. Nela, o professor aparece como o indivíduo que deposita os conhecimentos, onde seu dever é “encher” os educandos de conteúdos, sem se importar com aprendizagem.

Em trecho do filme, o professor Ginés Del Castillo dispara a frase: “O aluno pergunta: “*Senhora, para quem serve isso?*” e a professora lhe diz: *Ah, algum dia você poderá necessitá-lo*”. Através do trecho apresentado, podemos perceber que ao longo do tempo não tivemos as repostas que necessitávamos para seguir com o conhecimento adequado. Quando o educador responde desta forma, certamente nem ele sabe o motivo de estar lecionando. Um dos motivos de estarmos na escola, é para aprendermos. A dúvida que todo aluno tem é: aprender o quê? Quando chegará o dia que iremos utilizar conteúdos tão extensos e desgastantes?

Segundo Freire (1996, p.24), “o educador que “*castra*” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de se aventurar”.

O documentário prossegue com a fala do Educador chileno Dr. Carlos Calvo Muñoz : “*Quando o estudante fracassa na escola, não é sua culpa, e sim do sistema que está mal projetado*” onde podemos refletir a partir de uma epígrafe de Albert Einstein que aparece na tela: “*Se você busca resultados diferentes, não faça sempre a mesma coisa*”. Ainda segundo o Educador Carlos Munoz, as reformas educativas atuais em muitas partes estão mal enfocadas. “*São arranjos cosméticos do que nós pensamos que devemos melhorar na escola, o problema está no modo como concebemos paradigmaticamente a escola, é um problema de concepção básica*”.

Analisando estes pensamentos sobre a escola e nós mesmos, notamos que Paulo Freire, Rubem Alves e Sebastião Rocha tinham a mesma

inquietação. Os três possuíam a convicção que a mudança teria que ocorrer para a educação surgir. Cada autor com sua prática pedagógica conseguiu alcançar o objetivo de “plantar” o início da mudança que tanto pretendiam.

O professor colombiano William Rodriguez, da Instituição Popular de Cultura Cali, participa do documentário com suas opiniões e apresentou um relato sobre a tarefa tão complexa que é educar. Ele afirma que *“sozinhos não podemos fazer educação, pois este é um trabalho de equipe”* e afirma também que *“a melhor escola é aquela onde há amor e respeito, pois assim haverá possibilidade de criar porque assim existirá diálogo”*. A partir deste trecho, o professor concorda com tudo que vimos sobre Freire, Alves e Rocha.

O professor Argentino apresentado no documentário, Carlos Wernick, da Fundação Holismo afirma que *“o importante não é inventar outras pedagogias. Se não adequar a pedagogia ao momento cultural, ao grupo de crianças, ao grupo de docentes a pedagogia não será vivida plenamente”*.

Através dos depoimentos e opiniões vistas até aqui, podemos apontar a insatisfação sobre o momento atual da educação. Os profissionais de educação no documentário enfatizam que não devemos tratar as crianças como clientes e sim como pequenos seres prontos a aprender, mas que também ensinam. O dia a dia das crianças em sala de aula com outras crianças pode transformar um simples momento de “encontro” em aprendizagem para eles e para o professor. A leitura, por exemplo, se torna gratificante quando a criança compartilha sentimentos diferentes vividos por ela, visto que, se lembrem de algum momento bom ou ruim que o livro proporcionou.

O espaço escolar é uma das lembranças mais marcantes do indivíduo em todas as fases. Quando sentamos em rodas de conversa e falamos sobre lembranças escolares, todos terão algo para contar e certamente virão muitas risadas. Alguém lembrará daquela diretora chata, das notas baixas que tirou nas provas, daquele amiguinho que sempre dava “cola”, das bagunças feitas, dos melhores e piores professores, etc. Todavia, Rubem Alves foi mais longe e nos faz refletir sobre aspectos ainda mais densos da educação em geral.

Basta contemplar os olhos amedrontados das crianças e os seus rostos cheios de ansiedade para compreender que a escola lhes traz sofrimento. O meu palpite é que, se se fizer uma pesquisa entre as crianças e adolescentes sobre as suas experiências de alegria na escola, eles terão muito que falar sobre a amizade e o companheirismo entre eles, mas pouquíssimas serão as referências à alegria de estudar, compreender e aprender... Compreende-se, portanto, que entre as nossas maiores alegrias estava a notícia de que o professor estava doente e não poderia dar a aula. E até mesmo uma dor de barriga ou um resfriado era motivo de alegria, quando a doença nos dava uma desculpa aceitável para não ir à escola. (ALVES, 1994, p.11 e 12)

Alves diz que o papel dos professores é ensinar a felicidade, porém acredita que alunos não concordariam com essa fala. Nessa passagem, Alves relata sua opinião sobre as classes que compõem a escola: “...*Pois, como todos sabem, mas ninguém tem coragem de dizer, toda escola tem uma classe dominante e uma classe dominada*”(1994, p.11). Essas classes ele define como *professores x alunos*, onde os professores são os detentores do saber e os alunos aprendizes submissos.

O filme tem um pouco dessa função de trazer à tona algumas lembranças ocultas que nós também já havíamos esquecido. É muito gratificante lembrar que passamos vários anos no espaço escolar e ali tivemos momentos importantes guardados para toda a vida.

A escola é o primeiro local depois da nossa casa, onde conheceremos as pessoas mais importantes da nossa vida. Na escola conhecemos pessoas com pensamentos iguais e distintos dos nossos, realidades sociais diferentes, famílias diferentes, e com tantas divergências, nos farão ter opinião sobre assuntos variados que envolvem toda a sociedade.

O documentário é encerrado com vários questionamentos sobre a prática escolar tradicional, que precisa ser analisada minuciosamente, pois como percebemos aqui, os estudiosos acreditam que esteja defasada. Vimos

também que não existe somente um modelo de educação a seguir. No filme é enfatizada pelos alunos a frase: “*a educação está proibida*”, mas o que realmente isso quer dizer? - Isso significa que todos nós estamos proibindo a educação de avançar quando não ouvimos a criança, quando prejudicamos o novo modelo educacional, quando não permitimos que a educação ultrapasse os muros da escola. A proposta é a mudança! Para que ocorra essa mudança, dependerá somente de nós escolhermos qual será o modelo educativo que condiz com nossa visão de prática. A proposta final é apresentar aos alunos uma escola que compartilha ideias e que está disposta a ouvi-los, onde todos são iguais no espaço educacional, que pode ser em uma sala de aula, no quintal de casa, no jardim do vizinho, embaixo de uma árvore, qualquer lugar onde o aluno sintá-se a vontade para descobrir, criar, reproduzir novas ideias e respeitar o próximo como um membro da sociedade.

CAPÍTULO 2 - PAULO FREIRE, RUBEM ALVES E SEBASTIÃO ROCHA

2.1 – PAULO FREIRE

Paulo Reglus Neves Freire foi e é um grande educador, nasceu no Recife em 1921 e faleceu em 1997. Paulo Freire, como ficou conhecido mundialmente, começou a leitura iniciado por sua mãe que escrevia palavras com os gravetos das mangueiras, à sombra delas, no chão do quintal de casa.

Na biobibliografia que Gadotti (1996) organizou, a esposa de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, conta como foi a vida do educador desde a infância. Em uma passagem relata a fala da mãe de Freire: “Ele não se conformava em ir à aula sem as lições prontas, chorava demais; enquanto não tinha certeza que sabia, não comparecia à aula” (1996. p. 29).

Através de seus feitos pela educação de crianças, jovens e adultos o professor foi declarado patrono da educação brasileira em 2012. Sua família fazia parte da classe média, entretanto Paulo Freire vivenciou a pobreza e a fome na infância durante a crise de 1929, uma experiência que o levaria a se preocupar com os menos favorecidos.

Sua prática didática fundamentava-se na crença de que o aluno reconheceria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade. Obteve destaque através de seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política.

Freire possuía o sonho de uma educação humanizadora e emancipatória, onde os alunos pudessem aprofundar suas reflexões, melhorar suas práticas e se fortalecer na luta pela construção de um mundo melhor para eles mesmos e conseqüentemente para a comunidade a qual pertenciam.

O ambiente político cultural em que Freire elaborou suas ideias e começou a experimentá-las na prática foi o mesmo que formou outros intelectuais da educação, como o antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), conhecido por seu foco em relação aos indígenas e à educação no Brasil. A influência de Freire também é notada nas relações educacionais de Rubem Alves e Sebastião Rocha, quais veremos mais a frente.

Enquanto era diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife, Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização de adultos. Através do método, Freire juntamente com os alunos investigava palavras do cotidiano, tematizavam dando significado a mesma e, posteriormente, problematizavam, desafiando e inspirando o aluno a uma visão crítica e diferenciada. Freire (1981. p.10) disse: *"Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las"*.

Freire conseguiu alfabetizar trezentos cortadores de cana-de-açúcar em apenas quarenta e cinco dias, isso porque o processo se deu em apenas quarenta horas de aula e sem cartilha. Seu método foi resultado de muitos anos de trabalho e reflexões no campo da educação, sobretudo na de adultos em regiões proletárias, urbanas e rurais, de Pernambuco.

Mais que a criação de um método de alfabetização de adultos, Paulo Freire formulou uma teoria do conhecimento e deixou um legado que hoje rompe fronteiras. Atualmente, seu pensamento é renovado e permeia as diversas áreas do conhecimento. A validade universal da teoria de Paulo Freire está ligada, sobretudo, à ênfase das condições de estudo do conhecimento humano relacionado à prática educativa; à defesa da Educação como ato político e dialógico e à noção de ciência aberta às necessidades populares. Freire dizia que, enquanto a escola conservadora procura acomodar os alunos ao mundo existente, a educação que defendia tinha a intenção de inquietá-los, para assim, agirem na transformação de uma nova identidade social com ideias próprias e ações modificadas.

A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. (FREIRE. 1996, p.30)

De acordo com o documentário "A Educação Proibida" as escolas conservadoras, chamadas de "escolas burguesas" possui o interesse de moldar alunos dóceis para práticas de trabalho, ascensão pessoal, estudar para "ser alguém na vida". Esta foi chamada de concepção bancária, qual classificava os alunos como meros recebedores do conhecimento dado pelos

professores, que se julgavam donos do saber. Todas essas práticas vão de encontro ao pensamento de Freire.

Para Freire os alunos da chamada “educação bancária” eram meros expectadores do saber e acabavam sendo “depósitos”, pois os professores “depositavam” saberes através de inúmeras repetições. Esses alunos terminavam por reproduzir de modo mecânico tudo que supostamente aprendiam. Já a educação problematizadora gera consciência sobre o mundo em que vive e diz respeito à ideia de que deve existir uma ligação contínua de saber entre educadores e educandos. A educação bancária foi exemplificada sendo o sistema prussiano no documentário “A educação proibida”.

Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica. (FREIRE, 1981, p.73)

Segundo Freire, ensinar o aluno a pensar e problematizar sobre sua realidade é a forma mais correta de construir conhecimento. A partir desses conhecimentos o educando terá a capacidade de se compreender como um ser social. Uma vez conhecendo sua situação, o indivíduo jamais se curvará à condição de oprimido, pois seu lema será a igualdade social e por ela lutar.

Uma das conjecturas do modelo Freiriano se fundamenta na ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar à escola, o processo será inútil, simplesmente palavras desconexas de significado real para eles. A educação é ideologia e diálogo, assim pode se estabelecer a verdadeira comunicação da aprendizagem entre seres constituídos de desejos e sentimentos distintos.

O legado de Paulo Freire se insere no movimento pela democratização do acesso ao conhecimento, cuja finalidade é promover uma nova ética para o acesso à produção do conhecimento técnico-científico brasileiro, propiciando maior facilidade de localização e visibilidade, em mecanismos de busca e rápida disseminação do conhecimento freiriano.

Freire acreditava na educação onde o educador se coloca ao lado do educando, onde sua postura é de estar junto com ele na tarefa de descobrir o

mundo. Esta simples tarefa, realizada de forma coesa, implica em incentivar o educando ao pensamento curioso e construir uma postura que não se conforma com a primeira impressão, e precisa ir além na busca de base para o discurso.

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar. (FREIRE, 1987, p.107)

Em uma visão geral sobre o trecho acima, diria que diante dos problemas da sociedade contemporânea, poderíamos apontar alguns como: a desvalorização do profissional, desemprego, violência, modificações das relações familiares, etc. A área educacional tem como papel fundamental fornecer o conhecimento, para que as pessoas possam ter possibilidades e autonomia de participar efetivamente das políticas de modo geral, continuando assim, a lutar por igualdade de direitos. No Brasil, a educação deve ser tratada como uma política social, que tem como compromisso fundamental a garantia dos direitos do cidadão, ou, ainda a escola deve assumir um novo papel frente à sociedade, que é o de propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais.

2.2 – RUBEM ALVES

Rubem Alves nasceu em 1933, em Boa Esperança, sul de Minas Gerais e faleceu em 2014. Pedagogo, poeta, filósofo, cronista do cotidiano, contador de histórias, ensaísta, teólogo, acadêmico, autor de livros para crianças, psicanalista, Rubem Alves foi um dos intelectuais mais famosos e respeitados do Brasil na atualidade.

Ao analisar vídeos de Rubem Alves nas mídias, logo vem a imagem do homem que criticava o sistema escolar e que o comparava à linha de montagem de uma fábrica, onde tudo é mecanicamente calculado para produzir um determinado resultado ou produto final. Assim como Freire, Rubem Alves, dentro desse sistema criticava principalmente o método tradicional.

Rubem acreditava que o homem só aprende quando o que está sendo ensinado faz bem e lhe traz prazer. Segundo Alves, o professor ideal é aquele que provoca espanto e curiosidade nas crianças. A partir disso, a criança desenvolve o desejo de aprender. Afirmava ele em sua entrevista ao site Portal Brasil em 2011: *“Informações, apesar de necessárias a internet está cheia delas, não é o objetivo principal do ensino. O objetivo é levar o aluno a curiosidade de perguntar e querer aprender”*. Quando o aluno se espanta com algo, logo surge a curiosidade em querer saber mais sobre aquilo. Para Alves, a inteligência do aluno deve ser excitada a todo o momento. O mesmo acreditava que a escolatradicional não está ligada aos problemas do cotidiano do aluno e assim não há uma ligação educacional.

Em seu livro “Conversas com quem gosta de ensinar” (1980), Alves transparece seu questionamento sobre o que é educar, e remete-nos sempre ao mesmo ponto: ensinar é prazer. Alves compara o educador (que ensina com amor) com um Jequitibá, árvore robusta que raramente se vê nos dias atuais; os professores por sua vez são comparados com Eucaliptos, árvore que encontramos com facilidade. Alves caracteriza o professor como sendo aquele que informa, transmite conhecimentos, enquanto que o educador, além de informar, procura formar e informar, ainda segundo ele, o educador atua movido pela sua intenção social, o professor pelas regras das instituições.

Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida como sacramento, para que as crianças aprendam que o mundo pode ser diferente. Que a escola, ela mesma, seja um fragmento do futuro... (ALVES, 2000, p.166)

Rubem Alves em certa entrevista à TV Câmara para o documentário: “Rubem Alves, o professor de espantos” (2013), se lembrou da infância pobre na roça, a luz do lampião, os ratos passeando sobre seus pertences. As lembranças da escola no Rio de Janeiro, onde alunos caçoavam da sua fala e sotaque mineiro. Para fugir das humilhações, se refugiou na Igreja. Foi Pastor protestante, todavia foi denunciado por seu melhor amigo e exilado nos Estados Unidos, condenado por ser subversivo aos pensamentos políticos no momento do golpe militar que ocorrera no Brasil naquele momento.

Na mesma entrevista, Alves conta como conheceu Paulo Freire, no México. Os dois dariam um curso e nunca haviam se encontrado. O entrosamento dialético da dupla foi espantoso, pois Alves e Freire pareciam ter planejado o curso juntos.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vô. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vô. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vô. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vô, isso elas não podem fazer, porque o vô já nasce dentro dos pássaros. O vô não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (ALVES, 2008, p.29)

Rubem Alves na citação acima diz que “escolas gaiolas” prendem, enquanto “escolas asas” libertam. Alves se referiu aos pensamentos aprisionados e não somente atitudes. Assegurar que a criança não aprisione a sua mente é um trabalho difícil, pois possuímos um sistema centenário já estabelecido que aprisiona e não liberta. Possuir liberdade não significa fazer o que queremos, mas sim procurar fazer o melhor para todos à nossa volta. Vivemos em sociedade e as nossas atitudes devem se vincular ao bem estar comum.

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria... (ALVES, 1994 p.10)

A missão do professor talvez seja ensinar, entretanto se no momento de aprendizagem o mesmo não sentir alegria e prazer pelo ofício, não terá motivo algum para continuar lecionando. A alegria em compartilhar saberes e aprender juntamente com as crianças traz à sala de aula um momento único, pois ali surgirão sorrisos mútuos que transbordarão para o pátio, para a diretoria, para o refeitório. A alegria não está presente apenas no encontro do desconhecido, mas estará em todo processo da busca.

Em 2009, Alves concedeu uma entrevista ao site “Educar para Crescer”, onde questionou o modelo tradicional de ensino, no qual o professor se preocupa apenas em passar conteúdos aos seus alunos. Disse Alves: *“Esse modelo não funciona mais. [...] É preciso saber quais perguntas os alunos estão fazendo. O ensino tem a ver com a capacidade de fazer perguntas. Isso desenvolve a inteligência”*. Esta passagem nos direciona para o documentário, onde o professor Carlos Wernick, da Fundação Holismofala sobre a escola ativa: *“Se tem gerado todo um movimento de décadas chamado escola ativa, onde a criança faz, produz, sai da cadeira. Mas isto não é novo, o escreveu Piaget nos anos 50, mas não se coloca em prática porque dá preguiça”*. (Ibidem 47:55).

Quando o professor diz que “praticar dá preguiça”, se refere aos anos que já possuímos práticas comprovadas que dão certo, porém são pouco utilizadas nas escolas. As escolas tradicionais continuam com práticas tradicionais. E porque não mudar? Tentar algo diferente? A estagnação que aparentemente transmite a *preguiça* que o professor se refere. As crianças precisam desse espaço de criatividade e mudanças para aprenderem prazerosamente.

No trecho do livro “A alegria de ensinar”, Rubem Alves descreve a passagem: *“Dinheiro é um objeto que só dá pensamentos de comprar. A riqueza, com frequência, não faz bem ao pensamento. Mas a pobreza faz sonhar e inventar”* (1994 p.79). Neste trecho ele se refere a um carrinho que ganhou e ali deixou em sua mesa. Não era um carrinho comprado, mas sim, inventado por uma criança pobre. Assim imaginou Alves: o quão criativa pode ser uma criança que não possui dinheiro para comprar brinquedos caros. Com apenas uma lata de sardinha, uma sandália havaiana velha, galhos de arbusto e muita imaginação, essa criança provavelmente sem nenhum brinquedo que fosse comprado em loja, pode assim, ter seu próprio carrinho de lata, mesmo sem as rodas. Muito provável que o menino não tivesse achado os objetos que servissem para serrodas ou não tivesse ferramentas disponíveis para confeccioná-las, entretanto, a alegria em ter conseguido brincar com algo feito por ele foi grandiosa.

Rubem Alves trata a educação e o ato de ensinar como uma tarefa que deve ser interpretada com alegria, paixão, carinho e muito amor, assim como

esse menino que fez o carrinho deve ser interpretado, pois somente assim ele poderia terminar sua criação.

Para o professor Cristóbal Gutiérrez Navas da Fundação CAI da Espanha: *“As crianças são o reflexo da sociedade que vivemos e quando estão bem cuidadas, podemos perceber. Quando a sociedade não cuida das crianças, é porque não cuida de si própria”*. Por essas e outras questões que devemos nos enquadrar ao Artigo 1º da LDB LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 que diz:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Vimos que a educação engloba vários aspectos, entretanto estamos envolvidos em cada um deles. A partir desses aspectos a educação vai ganhando forma e trabalha todos os assuntos possíveis para um conhecimento amplo. A diferença é que no modelo de Rubem Alves, essa educação seria prazerosa e não maçante como temos visto.

2.3 – SEBASTIÃO ROCHA

Sebastião Rocha nasceu em 1948 e este é seu nome de batismo, porém como esse mineiro, nascido em Belo Horizonte sempre diz em todas as entrevistas: *“Sou Antropólogo (por formação acadêmica), educador popular (por opção política), folclorista (por necessidade), mineiro (por sorte) e atleticano (por sina), Tião Rocha é meu nome, Sebastião é apelido”*. Então de agora em diante vamos chamá-lo somente de Tião.

Tião tem como inspiração o professor Paulo Freire para sua pedagogia. É autor de obras de desenvolvimento cultural e comunitário, além de membro de várias organizações. O pensamento de Tião também coincide com o de Rubem Alves quando o mesmo diz: *“a criança precisa estar feliz para aprender, precisa estar completa”*.

O livro de Freire: “Educação como prática para liberdade” teve bastante influência na visão educacional de Tião, pois trata de assuntos sobre a forma como o indivíduo se enxerga na sociedade e a importância de trabalhar no ser humano a compreensão de mundo e participação no mesmo como um ser agregador.

A partir de práticas e experiências o educador Tião Rocha pode idealizar um projeto de empreendedorismo social, que desenvolve a cultura local de regiões “esquecidas” socialmente e economicamente, formando educadores populares inseridos em diversos contextos do município mineiro.

Tião é presidente e fundador do CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento). O CPCD, criado em 1984 é uma ONG (Organização Não Governamental) sem fins lucrativos e de utilidade pública federal, estadual e municipal, vinculada ao 3º Setor (de natureza privada e função social pública).

O educador considera o CPCD como uma “*organização de aprendizagem*” e conta com uma equipe de 86 pessoas, que realiza inúmeros projetos ao mesmo tempo voltados a crianças, jovens e adultos, com foco no desenvolvimento de comunidades. O intuito foi de atuar nas áreas de educação popular de qualidade e desenvolvimento comunitário sustentável, tendo a cultura como matéria prima e instrumento de trabalho pedagógico institucional.

Ao ser criado o CPCD, acreditava-se que era possível ter um espaço onde as crianças pudessem “ser crianças”. Onde ser feliz fosse o mais importante. Onde todo e qualquer objeto servisse para o exercício da aprendizagem diária. O espaço perfeito para crescer como ser humano, não perfeito, mas completo.

Assim, na cozinha, ou na horta pesquisando alternativas, experimentando sabores variados, a regra básica seria inventar, descobrir e criar. Sonhava-se um espaço horizontal, onde adultos e crianças misturassem suas “visões de mundo” no mesmo aprender e ensinar, como assim também pensava Paulo Freire: Adultos e crianças aprendendo juntos.

A pergunta sempre foi se era possível fazer educação sem escola, sem prédio, sem estrutura física. E aprendemos que é possível sim, mas somente se tivermos bons educadores” (ROCHA, Site CPCD)

A educação sem escola certamente pode ser criada e o CPCD é uma prova disso, pois possui pedagogias próprias de aprendizagem onde o indivíduo não se enxerga como aluno, mas sim parte do projeto que participa. Algumas das pedagogias aplicadas no CPCD são: A pedagogia da roda, pedagogia do brinquedo, pedagogia do sabão, pedagogia do abraço e pedagogia do copo cheio.

Pedagogia da roda – Onde a matéria-prima de todo o processo de aprendizagem são as pessoas e suas experiências através do diálogo em forma de roda. As pessoas solicitam a roda quando estão insatisfeitas com alguma situação.

Cada pessoa que esteja na roda terá direito à opinar sobre a questão debatida e assim, tudo que é levado à roda pode ser estudado e aprendido, somente precisa organizar o momento. O que não querem aprender hoje irão aprender outro dia. Não joga nada fora. Não tem seleção, não tem exclusão, não tem vitória da maioria. Segundo Tião Rocha *“A Pedagogia da Roda nos ensinou que “um ponto de vista é a vista a partir de um ponto”*. A roda constrói uma pauta, estabelece um processo, uma avaliação. A roda pensa, age e volta. Foi um jeito de praticar Paulo Freire.

Pedagogia do brinquedo – O objetivo é pensar como o brinquedo pode ser construído e como ele pode ser usado para tornar o aprendizado divertido, encantador e prazeroso para as crianças.

Pedagogia do sabão – Esta pedagogia possui grande influência de Freire, pois utiliza os saberes e fazeres culturais dos participantes como matéria prima de ações pedagógicas, trabalhando com soluções e alternativas que integram satisfação econômica, valores humanos e culturais, compromisso ambiental e empoderamento comunitário. Através dos saberes de cada indivíduo sobre a produção de sabão, todos aprendem juntos. Assim, a venda de sabão se torna um projeto multidisciplinar.

Pedagogia do abraço – As pessoas tem estado tão longe umas das outras, mas a pedagogia do abraço vem trazer a afetividade. Poderá ser encaixada nesta pedagogia além do abraço uma palavra amiga, atitudes, enfim, o que estimular a participação e aproximar as pessoas.

Pedagogia do copo cheio –O CPCD trabalha com o IPDH (Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano) que mede o lado cheio do copo, que é formado pela capacidade de acolhimento, de convivência, de aprendizagem e de oportunidade de uma comunidade.

Infelizmente a escola não é uma coisa prazerosa. Esse é o grande desafio. A escola deveria se assemelhar muito mais a um parque de diversões, um lugar prazeroso. A escola hoje se parece muito mais com uma fábrica, que tem sino para entrar, sino para sair, a cada 50 minutos muda a matéria, tem uma hierarquização danada, aí deixa de ser fábrica e vira uma cadeia, um quartel, e às vezes chega ao ponto de parecer um hospício. (TIÃO ROCHA, Site: Todos Pela Educação, 2014)

A partir desta frase de Tião Rocha nos remetemos ao documentário “A educação proibida” e todos os educadores aqui apresentados, tanto no documentário como referências teóricas. Ambos concordam que a escola precisa ser um lugar prazeroso, de amor pela aprendizagem, entretanto as escolas se parecem mais com prisões.

Se a gente não mudar o jeito de ensinar, não adianta. Não é questão de verba, é questão de mudar efetivamente, romper, quebrar com essa grade curricular, quebrar as paredes que estão dentro escola. (TIÃO ROCHA, Revista UOL Educação, 2014)

De acordo comentrevista acima ao site “Todos pela educação” de 04 de novembro de 2014, Tião Rocha afirma que para a mudança acontecerprecisamos agir de acordo com a nossa ideologia pedagógica e nos aprofundar na questão “educação”. Através dos muros da escola estão crianças com cede de conhecimento, mas não o conhecimento injetado, transmitido, e sim aquele que a deixa feliz, satisfeita com a aprendizagem. A escola não precisa ser um local fechado, com seguranças na porta e regras sem fim que terminam atandopés, mãos e cérebros.

Através do método de educação “debaixo de um pé de manga”, Tião Rocha provou que é possível ensinar e aprender em qualquer lugar, até debaixo de uma mangueira.

Em entrevista a Thereza Dantas, jornalista do Portal Rede Social São Paulo (RSSP) em 22 de outubro de 2008, o professor conta como iniciou esse processo:

Tião: ...“é possível fazer educação sem escola?” e “é possível fazer uma boa escola debaixo do pé de manga? porque isto tinha muito na cidade. E foi a partir destas perguntas que iniciamos os nossos projetos: uma boa pergunta que nos propiciasse boas aprendizagens! Construir escola e educação debaixo de árvores.

RSSP: Foi a partir daí que o Sr. começou o trabalho com crianças e adolescentes?

Tião: Sim. Fiz estas perguntas num programa de rádio. Apareceram 26 pessoas interessadas e curiosas em busca destas respostas. Passamos a conversar todos os dias. Aí percebi que nós não falávamos da escola que gostaríamos de ter, mas da escola que gostaríamos de não ter tido. Fomos às casas das crianças e dos adolescentes, conversamos com os pais. Eles não entendiam uma escola sem paredes, embaixo de um pé de manga.

RSSP: Houve grande resistência?

Tião: Muita. Os pais nos perguntavam sobre as listas de materiais, lápis e canetas. E nós respondíamos que não precisávamos. As crianças e jovens achavam estranho não ter filas, carteiras, professores, etc.

Inicialmente é normal toda essa resistência e estranhamento. Para quem vivenciou o modelo tradicional, se deparar com uma nova forma de aprendizagem é espantoso. Porém como dizia Rubem Alves: *“o professor ideal é aquele que provoca espanto e curiosidade nas crianças”*. Neste momento o professor Tião estava causando espanto em toda comunidade.

Tião Rocha aponta durante a entrevista que precisou começar o processo de *“desaprendizagem”*, pois os alunos teriam que vivenciar essa nova experiência e deixar para trás o modelo tradicional, o que não seria fácil.

2.4 – PRÁTICAS E PENSAMENTOS

EDUCADORES E SUAS PRÁTICAS		
Paulo Freire	Rubem Alves	Tião Rocha
<p>Sua proposta vai além das críticas das formas educativas atuais, porque se define em uma pedagogia da consciência crítica do indivíduo. Levando em conta:</p> <p>Dialogicidade: O diálogo, nascido na prática da liberdade, enraizado na existência, comprometido com a vida;</p> <p>Politicidade: Concebe a educação como problematizadora fundada na relação dialógica e dialética entre educador e educando, que ao dialogar e politizar, problematizam e aprendem juntos;</p> <p>Primeiro Momento: Descobrir do indivíduo o que ele já sabe, definir o ponto de partida com base nesse conhecimento para um estudo amplo e aprofundado;</p> <p>Segundo Momento: Descubre-se o significado das palavras e temas geradores investigados, através da conversa e diálogo com o educando, é uma tarefa interativa entre educador e educando, pois o construtor do conhecimento é o educando;</p> <p>Terceiro momento: Descubre-se o sentido das palavras e problematiza o contexto geral.</p>	<p>Propunha que as escolas trabalhassem mais questões ligadas ao dia a dia das crianças;</p> <p>Rompeu em todos os aspectos com as regras acadêmicas de escrita e se dirigiu àquilo que lhe dizia o coração;</p> <p>Dizia que as escolas deveriam ensinar a criança a pensar: “Para mim esse é o objetivo da educação: criar a alegria de pensar... a missão do professor é provocar a inteligência, é provocar o espanto, é provocar a curiosidade”.</p>	<p>É referência em cultura popular nos dias atuais, espera que as escolas sejam abolidas e transformadas em espaços mais desafiadores;</p> <p>Lema: “Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender”;</p> <p>Criador de pedagogias próprias que revolucionaram através de brincadeira, música e diálogo a aprendizagem no espaço escolar; dedica-se à implementação e realização de projetos inovadores, programas integrados, plataformas de transformação social e desenvolvimento sustentável, destinados, preferencialmente, às comunidades e cidades brasileiras com menos de 50 mil habitantes.</p>

Quadro elaborado pela pesquisadora

Encerramos a pesquisa com o quadro comparativo acima, o qual demonstra que os educadores Paulo Freire, Rubem Alves e Tião Rocha possuem aspectos em comum e um deles é o amor. A dedicação que cada um demonstrou ao dispor seu tempo à educação é simplesmente de total valia

para o futuro das crianças. Cada um de sua forma compartilhou conhecimento e aprendeu também.

Paulo Freire foi o inspirador para os demais educadores, e esperamos que os demais sejam inspiração para os próximos. Os três acreditaram em uma educação de qualidade, justa, transformadora, consciente e crítica. Buscaram técnicas educativas e colocaram em prática; fizeram o que muitos cidadãos não fazem por acreditar em um mundo onde as coisas não melhoram, e sim pioram. Todavia, a situação somente muda quando algo é feito, portanto, vamos fazer nossa parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em certos momentos nos perguntamos se é possível modificar o sistema educacional brasileiro. Este sistema curricular onde estamos fadados a estudar de acordo com a “grade” preestabelecida por uma instituição. Há tanto que refletir sobre a educação e neste filme encontram-se ideias centrais que podem guiar uma análise muito valiosa. Ao apresentar situações sobre a educação que ocorrem no cotidiano, o documentário nos faz recapitular fatos que não lembrávamos. O inconsciente veio à tona e trouxe a memória aqueles professores que gritavam em sala, que mandavam “calar a boca”, ou somente aqueles que não planejavam suas aulas e nos mandavam ler capítulo por capítulo até que gravássemos toda a história. Em um momento especial desta pesquisa, pude notar a influência que a educação tradicional teve em minha vida. Quando estava preparando o quadro comparativo dos autores brasileiros (p. 33), a formatação da tabela me remeteu a prática aprendida na escola. Fiz exatamente como foi ensinado, formato padrão. Parei para refletir o motivo e cheguei a conclusão que o condicionamento e a preguiça de pensar me levou a repetição. Foi assim que me ensinaram a ser, tradicional, e isso demora um tempo para desvincular.

Boa parte da sociedade brasileira concordaria que a educação tradicional é um tanto antiquada e deveria ser modificada. Entretanto uma mudança brusca é algo relativamente "grande" para que se deixe somente na responsabilidade dos professores.

Os professores são criticados quando a educação não vai bem, mas não deveriam ser tomados como atores únicos nesse cenário. Segundo o filme, essa mudança teria de começar a partir dos órgãos competentes (secretarias e ministério da educação), mas ao mesmo tempo dizem que os responsáveis pela mudança se colocam como autoridade principal ao invés de dialogar com as escolas.

O apoio da sociedade e o interesse por parte dos próprios alunos também seria algo muito conveniente para que esse "sonho" ainda se torne, plenamente, uma realidade. Segundo o educador Tião Rocha, a escola deveria rejeitar os interesses econômicos, ou seja, ensinar para que o aluno seja

“alguém na vida”, pois esses interesses acabam por frustrar o aluno e alimentar um ser humano idealizador do consumismo.

Aprender com o outro deveria se tornar um hábito natural, onde a criança não precisaria se ajustar ao sistema onde crianças da mesma idade estão presas em uma sala absorvendo horas de conteúdos sem sentido algum para elas.

O filme nos traz a ideia que para o avanço de qualquer sociedade precisamos que todos estejam envolvidos com a educação, seja como professor, seja como pais, seja como vizinhos, todos precisamos estar juntos dia após dia para o crescimento educacional acontecer. A criação de uma relação ética, política, de práticas onde os valores serão mais importantes e naturais para todos.

Através das metodologias observadas nesta pesquisa, podemos dizer que há esperança de mudanças na educação. Os métodos de Paulo Freire, Rubem Alves e Tião Rocha, propostos neste trabalho romperam com a concepção utilitária do ato educativo, os três não se baseiam em metas e pontuações, propondo outra forma de alfabetizar. Seus métodos permanecem ativos e em evolução entre aqueles que trabalham com as suas ideias, todavia destaco a necessidade de recriação constante em toda e qualquer prática educativa, inclusive nos métodos apresentados pelos três educadores, pois se afirmasse que tudo está pronto para ser utilizado, estaria indo contra a ideia dos autores que pregam a aprendizagem coletiva e incessante. Sempre teremos algo a acrescentar, por mais que o mesmo lhe pareça maravilhoso, poderá ser modificado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentário “A educação proibida”: Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=celuwmpyIX0>> Acesso em: 20 de agosto de 2015

<<http://www.seer.ufrgs.br/rbpae/article/viewFile/19144/11145>> Acesso em: 15 de novembro de 2015

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/3196/2118>> Acesso em: 5 de outubro de 2015

<<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/constituicao-1824.htm>> Acesso em: 20 de janeiro 2016

<<http://painelacademico.uol.com.br/painel-academico/5919-7-filmes-para-questionar-o-modelo-tradicional-de-educacao>> Acesso em: 20 de janeiro de 2016

<<http://aprendersemescola.blogspot.com.br/2008/11/criao-do-ensino-obrigatorio.html>> Acesso em: 22 de janeiro de 2016

<<http://www.paulofreire.org/>> Acesso em: 23 de janeiro de 2016

<<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/mentor-educacao-consciencia-423220.shtml>> Acesso em: 23 de janeiro de 2016

<<http://matapreguica.blogspot.com.br/2008/10/educacao-debaixo-do-p-de-manga.html>> Acesso em: 24 de janeiro de 2016

Quando sinto que já sei.
<<https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>> Acesso em: 24 de janeiro de 2016

<<http://revistaeducacao.com.br/textos/blog-redacao/10-filmes-para-repensar-a-educacao-338763-1.asp>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2016

<<http://www.cpcd.org.br/portfolio/volta-ao-mundo-em-13-escolas/>> p.65
Acesso em: 02 de fevereiro de 2016

<<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/31805/a-escola-deveria-parecer-um-parque-de-diversoes-diz-educador/>> Acesso em: 04 de fevereiro de 2016

<<http://zmp3.xyz/mp3/tiao-rocha-conexoes-urbanas-pt3-2010.html#/page/1>>
(Vídeos) Acesso em: 04 de fevereiro de 2016

<<http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/11/04/a-escola-deveria-parecer-um-parque-de-diversoes-diz-educador.htm>> Acesso em: 04 de fevereiro de 2016

Educação Sistêmica. <<http://espacopsi.com/psabordagem.htm>> Acesso em: 05 de fevereiro de 2016

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Papyrus, 2001.

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 7 ed. São Paulo: Papyrus, 2008.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1980

ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. 3. ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

<<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/entrevista-rubem-alves-471231.shtml>> Acesso em: 09 de fevereiro de 2016

<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/434311-RUBEM-ALVES,-O-PROFESSOR-DE-ESPANTOS.html>> Acesso em: 09 de fevereiro de 2016

<http://www.releituras.com/rubemalves_bio.asp> Acesso em: 09 de fevereiro de 2016

<<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/portal-brasil-resgata-entrevista-com-rubem-alves>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

BRUINI, Eliane Da Costa. "Educação no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 25 ed.1996

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 17.ed, 1987.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 5ed,1981.

GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. Cortez. 1996 Disponível em: <http://seminario-paulofreire.pbworks.com/f/unid2_ativ4paulofreire_umabiobibliografia.pdf> Acesso em: 05 de março de 2016

ROCHA, Tião. **Roda Viva**. Disponível em: <<http://music.odiamuzic.net/id/CVJaTcedlnw>> Acesso em: 05 de Abril de 2016

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 04 de Agosto de 2016

<<http://www.inclusive.org.br/arquivos/24298>> Acesso em: 04 de Agosto de 2016

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 20 de Agosto de 2016

<<http://www.hypeness.com.br/2015/05/selecao-hypeness-15-escolas-inovadoras-para-inspirar-a-construcao-de-um-mundo-melhor/>> Acesso em: 31 de Agosto de 2016